

Finanças

Investimentos Após adquirir Inepar, empresa quer ser mesa de 'trader'

Atom faz 'reality show' para selecionar operadores

Adriana Cotias
De São Paulo

"Seis milhões de reais na premiação final! O Reality Show do Mercado Financeiro está prestes a começar e você tem a chance de mudar a sua vida em suas mãos (sic), vai encarar esse desafio?"

É sob o velho mote que qualquer um pode se tornar um milionário na bolsa que a Atom vem angariando aspirantes a "traders" — ou, simplesmente operadores no bom português — pelas redes sociais. Alguns vídeos no YouTube e no Facebook, que alardeiam que qualquer pobre mortal pode se tornar um expert em análises gráficas e ganhar dinheiro com isso, chegam a ter mais de 35 mil visualizações. Agora, a empresa está em plena campanha para a segunda edição do seu programa de seleção, aos moldes de um show televisivo, com transmissão do pregão ao vivo na etapa final, em novembro.

Na conclusão do processo, os candidatos que tiverem batido as metas de desempenho, respeitando certas regras, poderão fazer parte da equipe. Esse grupo terá à disposição um determinado capital para operar recebendo de 40% a 60% dos resultados que obtiver com seus investimentos. Os três melhores levam 100% dos lucros auferidos com a compra e venda de contratos de Bovespa e dólar futuro por um mês.

Com 31% do capital em circulação na BM&FBovespa — sendo 7,09% nas mãos de uma gestora

ligada ao grupo de controle familiar —, a Atom Participações tem origem na antiga Inepar Telecomunicações, comprada por R\$ 5 milhões pela WHPH Participações no processo de recuperação judicial da tele, em oferta concluída em janeiro. A WHPH (de "work hard, play hard", trabalho duro e jogue duro, numa tradução livre), por sua vez, foi fundada em 2014 pelos irmãos José Joaquim, de 30 anos, e Ana Carolina Paifer, de 28 anos.

Os ex-agentes autônomos lançaram em novembro, por meio da controlada Atom Traders, um simulador de investimentos para potenciais operadores, vinculado a um treinamento, que custa de R\$ 212 a R\$ 612. Paralelamente, a Atom Participações pede na Justiça a sua exclusão do polo de ativos na recuperação judicial do grupo Inepar, que à época da privatização do Sistema Telebras, nos anos 90, integrou vários consórcios e também entrou sozinho no projeto Iridium, de lançamento de satélites para serviços de telecomunicações, programa que naufragou posteriormente.

Enquanto tentam resolver o impasse judicial, os jovens empreendedores têm planos ambiciosos e tentam emplacar no Brasil o conceito de mesa proprietária, já difundido em mercados maduros como o americano. Nesse modelo, a companhia só opera com capital próprio e remunera a equipe por performance. A WHPH cedeu de limite para os opera-

dores R\$ 35 milhões e como são sempre transações de "day trade", de compra e venda no mesmo dia, esse volume pode ser girado muitas vezes durante o pregão. Para dar mais eficiência a esse capital, surgiu a ideia do reality show, conta Ana Carolina. Ao longo do tempo, ela almeja atrair 30 mil operadores, que podem atuar remotamente, para a plataforma.

"O mercado hoje é completamente diferente da gritaria de 20 anos atrás, mas o que se vê é que as pessoas chegam melhor informadas, aprenderam a especulação já no mundo digital, têm afinidade com computador e com jogos", diz. Conforme quantifica, desde que lançou o simulador, cerca de 5 mil pessoas passaram pelo treinamento da Atom e 180 fdelas bateram metas, sendo qualificadas para operar com dinheiro e ativos de verdade. A WHPH investiu cerca de R\$ 8 milhões na modelagem de risco, num software que faz a zeragem automática das posições quando batem em limites de perdas pré-definidos. ("stop loss").

"Assim não fico preocupada se vou perder mais dinheiro do que o que combinado", diz Ana Carolina. Uma das regras é "nunca dormir posicionado", deixando sempre o caixa em títulos públicos.

Numa primeira etapa do programa batizado como "Vida de Trader", os candidatos a uma vaga na mesa terão três semanas para comprar e vender até 50 mini contratos de dólar e de Bovespa (que representam uma

fração do lote padrão) ou até 10 contratos cheios num simulador com acesso em tempo real às cotações da BM&FBovespa. Os 50 melhores participarão de um curso intensivo de formação e um segundo filtro elegerá 10 candidatos. Em novembro, esses finalistas terão uma imersão de duas semanas na sede da empresa, em Sorocaba, negociando fativos de fato num pregão transmitido pela internet. Na mesa final, o participante não poderá perder mais que R\$ 3 mil sob a pena de ser eliminado.

Como premiação, o primeiro colocado terá à disposição R\$ 3 milhões para operar por um mês, ficando com 100% dos lucros, além de ganhar uma vaga na Atom para negociar 20 contratos cheios; o segundo lugar terá R\$ 2 milhões e 15 contratos cheios, enquanto o terceiro leva R\$ 1 milhão de limite e 10 contratos cheios.

Como a mesa só opera com capital próprio, não há exigência de certificação profissional, diz Ana Carolina. "A CVM não vê isso como captação porque o que a Atom oferece é o programa educacional, com acesso ao simulador, vídeos e "hangouts", afirma. "O que o trader contrata é o limite operacional". Procurada, a CVM informou que acompanha e analisa as informações e movimentações envolvendo as companhias abertas.

"Em princípio, o exercício de atividades educacionais e de formação do público investidor não constitui uma atuação irregular.



Os irmãos Ana Carolina e José Joaquim Paifer: meta é atrair 30 mil traders

Todavia, como a CVM habitualmente faz em situações análogas, é necessário se verificar se os serviços fornecidos não incluem atividades dependentes de autorização ou registro junto à autarquia, como por exemplo, a distribuição de valores mobiliários, a atividade de consultor, a intermediação de valores mobiliários e a administração de carteiras".

Mas por que a necessidade de ter o capital aberto, comprando a casa de uma empresa às voltas com imbróglio judicial como a Inepar? Segundo Ana Carolina, essa foi a forma encontrada para o trader participar da com-

panhia já que nessa relação não há vínculo empregatício, mas se prevê a bonificação por meio de ações. "Se fosse uma empresa fechada, eu teria que mudar o contrato social o tempo todo", diz. Da herança da Inepar ainda vem um prejuízo fiscal de mais de R\$ 240 milhões que pode ser usado para abatimento de impostos quando a empresa voltar a ser operacional.

Pelos últimos dados financeiros, a Atom Participações tinha ao fim de junho um patrimônio negativo de R\$ 8,002 milhões, tendo fechado o semestre com prejuízo de R\$ 17 mil.

Plataforma atrai quem sonha viver de 'day trade'

De São Paulo

Os dias atuais são bem diferentes daqueles do pregão viva-voz, com rodas de operadores se engalfinhando para negociar ativos na Bovespa ou na BM&F, antes da fusão. Mas o desejo de multiplicar o capital numa velocidade impensável na economia real, ser dono do próprio nariz e ganhar dinheiro de vida é o que ainda move um contingente de pessoas para o mítico ofício de "trader". Se até 2009 parte considerável da compra e venda de ações ou derivativos era no grito, agora a tecnologia traz a possibilidade de lucrar ou perder dinheiro em apenas um clique.

Aos 31 anos e dono de uma agência digital em Balneário Camboriú, em Santa Catarina, virar um trader era um sonho

antigo de Luiz Eduardo Moraes, inspirado em filmes como "Wall Street" (Oliver Stone, 1987) ou "A Procura da Felicidade" (Gabrielle Muccino, 2007). Desde os 18 anos ele pesquisa cursos que ensinam a fazer transações pela análise técnica, mas eram treinamentos caros, que chegavam a custar R\$ 5 mil e presenciais, exigindo despesas adicionais de deslocamento e estadia em São Paulo. Há cinco meses, ele entrou no programa da Atom, gastou R\$ 1.252 em dois cursos, mas uma ferramenta gráfica, e obteve bons resultados no simulador de investimentos. Agora, está em fase de testes nas negociações com ativos e dinheiro de verdade. Seu limite de perdas é de R\$ 560 neste mês, vai passar a R\$ 3 mil em setembro, e ele já tem planos para mudar de vida.

"Se em três meses tiver um bom desempenho, eu fecho ou vendo a minha empresa e vou investir todo o dinheiro nas ações da Atom", diz. Pelo fato de a companhia ser listada em bolsa, ele diz ter um termo de confidencialidade em que não pode abrir quanto obteve de ganhos na mesa real, mas o seu objetivo é alcançar uma renda de R\$ 30 mil ao mês.

"No simulador, já consegui bater essa meta, mas ali são transações com contratos maiores do que os que negocio atualmente". Hoje ele fica com 40% do lucro fidas operações, mas pode chegar a 60%. Casado e com duas filhas, de 4 e 9 anos, Moraes afirma ter apoio da mulher na empreitada. Se tudo correr conforme planeja, os lucros serão negociados por ela numa corretora,

replicando a mesma estratégia, a fim de ficar com 100% dos resultados e talvez conquistar outro sonho, o da casa própria.

Na última década, com a evolução das transações eletrônicas e a liquidez alcançada pelas mini-contratos de Bovespa e dólar futuro, o mercado financeiro se democratizou, mas não é tão fácil ganhar dinheiro com operações de "day trade", diz Roberto Lombardi, que foi dono da Interloot, corretora que liderava as transações no home broker quando foi absorvida pela XP em 2011.

"O índice de mortalidade do trader é alto, de 10 que começam 7 deixam o mercado no primeiro ano, e basicamente pelo [aspecto] comportamental, pela falta de habilidade para controlar o emocional quando se está perdendo". Com a experiência de quem já

foi um "scalper", um operador que faz transações de curtíssimo prazo, muitas vezes com intervalo de segundos entre compra e venda de um papel, ele diz que dá até para ficar rico negociando na bolsa, mas não com estratégias como essas. "Os grandes resultados não vêm do trading e sim de identificar uma tendência, se posicionar e, se o mercado estiver a favor, conseguir alongar, aguentar um bom tempo para materializar o ganho".

Fundamentalista de alma, André Rocha, colunista do Valor, diz que para se obter ganhos razoáveis com a leitura dos gráficos é preciso empenhar um bom capital e correr muito risco.

"Se fosse fácil, todo mundo fazia. Não é só uma questão de ser rentável, mas quanto se ganha em valor absoluto?" Conforme

exemplifica, um bom trader que conseguisse 15% de retorno teria que apostar R\$ 100 mil por mês para ter uma renda na casa dos R\$ 15 mil. "E será que consegue ganhar 15% todo mês?"

Ele considera que para a Atom, que tenta difundir o conceito de mesa proprietária no Brasil, a estratégia de captar operadores no mercado é vantajosa porque assim a empresa minimiza seus riscos. E o fato de incentivá-los a vender ações é uma forma de haver algum alinhamento de interesses, tomá-los mais criteriosos. Mas ele lembra que a Atom é uma empresa de baixíssima liquidez na bolsa, ainda em recuperação judicial e que, se houver entendimento de que se sucesso a dívida da Inepar Telecom, não vai conseguir gerar valor para essa empresa. (AC)

Como proteger seu portfólio com diversificação global

Palavra do gestor

Ernesto Leme



Diversificar é sempre a melhor estratégia para diluir riscos e melhorar os ganhos. Em um mundo globalizado que passa por um momento de alta liquidez por conta dos movimentos de afluxamento quantitativo em países desenvolvidos, o Brasil, mesmo com todos os problemas fiscais, políticos e sociais, voltou a estar no radar dos investidores estrangeiros. Apesar de a situação local exigir cautela, a necessidade de diversificação de estratégias e a busca

por fontes de rendimento interessantes devem favorecer o fluxo para o país, que apresenta uma das maiores taxas de juro real do mundo e bolsa em patamar bastante depreciado.

A questão é: quando os investidores locais passarem a olhar com mais atenção para o mercado internacional como oportunidade de diversificação e forma de obter maior segurança?

Temos muito que aprender com esses investidores que olham com interesse para o Brasil, mesmo diante dos desafios que temos pela frente. Diversificar o portfólio de investimentos não significa mais construir uma carteira de renda fixa e variável, evitando concentração em papéis ou setores. Significa também evitar concentração em países e mercados específicos.

A resolução CVM nº 554 trouxe a possibilidade de que mais investidores locais tenham acesso a fundos com ativos no exterior. Com isso, surgiu uma gama diversificada de carteiras com ativos na Europa, Estados Unidos e Ásia,

criando uma oportunidade fígar de ganhos e diluição de risco. Esses fundos ainda não entram no cotidiano do investidor brasileiro, pois, além de se tratar de uma novidade, há também questões associadas ao timing, já que a mudança da legislação coincidiu com um período de valorização do real perante o dólar e de forte volatilidade cambial.

Além disso, o altíssimo patamar da taxa de juros local favorece a alocação em ativos de renda fixa, reduzindo a sofisticação dos portfólios. A demanda para produtos de investimento no exterior deve aumentar conforme a normalização na conjuntura local possibilite abertura de espaço para redução de juros e estabilização do câmbio.

Sair da renda fixa local pode não parecer muito convidativo no momento, mas isso não significa que a internacionalização não possa estar associada a um movimento defensivo. Temos investimentos mais seguros ou, ao menos, com outros fatores de risco pelo mundo afora.

Ao olharmos com atenção para as oportunidades em nossa bolsa versus bolsas mundiais, a diversificação global é sem dúvida interessante. A bolsa brasileira é pouquíssimo diversificada em comparação com as bolsas mundiais, apresenta altíssima concentração no setor de commodities e não reflete a economia brasileira. A diversificação mundial nos permite ter acesso a diversos setores, muitas vezes mais defensivos, em países diferentes. Além disso, ao investir em um fundo de ações global, é possível acessar empresas multinacionais, que também possuem operações em diversos países, aumentando a diversificação e protegendo o portfólio de eventos regionais específicos.

Outra vantagem de produtos globais é a possibilidade de investir em mercados e ativos que ainda não são suficientemente maduros no Brasil. Um bom exemplo são os títulos de crédito. Na Europa e nos EUA, a precificação desses títulos é feita a mercado, de

maneira muito mais transparente e eficiente, já que a liquidez é mais abundante.

No Brasil, a marcação dos papéis pela curva de juros dá ao investidor a falsa impressão de que ativos de crédito locais têm menos volatilidade do que no exterior, enquanto, na realidade, eles apresentam menos transparência no que diz respeito a critérios de precificação. Nós fazemos a gestão de um fundo de "high yield" global, "hedgado" (com proteção cambial) para o real, que detém ativos de crédito de mais de 200 empresas em diversos países, com exposição máxima de 2% por emissor. Isso proporciona uma imensa diversificação, mitigando riscos específicos.

E, por fim, há mais uma vantagem de olhar com cuidado para a diversificação no exterior: a possibilidade de investir em classes de ativos que sequer existem aqui. Trouxemos para o nosso portfólio de produtos um bom exemplo, que são os "preferred securities", títulos de renda fixa emitidos por grandes

companhias, em maior parte instituições financeiras e seguradoras, negociados na Bolsa de Nova York e no mercado de balcão. Na estrutura de capital das empresas, esses ativos são subordinados à dívida sênior, mas estão acima das ações em termos de prioridade de resgate. Nos Estados Unidos, o mercado de preferred securities já apresenta mais de US\$ 500 bilhões em emissões, mas poucos investidores brasileiros já ouviram falar nesse ativo, que apresenta uma das melhores rentabilidades no universo de renda fixa e poderia possibilitar uma excelente estratégia de diversificação de um portfólio de crédito.

Ernesto Leme é diretor comercial da Claritas Investimentos.
E-mail: comunicacao@claritas.com.br

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico. O jornal não se responsabiliza e nem pode ser responsabilizado pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações.